



... na vinha das *leiras de Jericó*.
Amarante, 10.01.2023.

Arlindo

Presbítero

**um Penedo sobre
o Monte e a Cidade**

1.O Presbítero ARLINDO não está aqui! Mas as saudades e a Comunhão dos Santos fazem-no presente!

O P. Arlindo foi sempre um Homem de carácter, bom cristão, presbítero sabedor e inquieto.

Há névoas nestes dias do fim de janeiro: as angústias dos pobres, as buscas do emprego, o falecimento do padre diocesano Fernando Gonçalves, as faltas de saúde, as tristezas de tanta gente, e até um altar para o Papa Francisco, em Agosto, despertou uma justa indignação...

E vem-me à memória, pelo que dá que pensar, o parecer de ANNIE ERNAUX, recente Prémio Nobel de Literatura, no seu livro “Os Anos” (tradução, Bertrand, 2022, pág. 124:

“A religião Católica, sem qualquer cerimónia, desapareceu do convívio das nossas vidas”.

2.O texto evangélico deste 29 de janeiro parece ter sido escolhido de propósito... O Padre Arlindo sempre viveu a Igreja no mundo e ao seu serviço. Nada foi silenciado na sua atenção crítica e na sua fraternidade.

O Arlindo nunca fugiu. Nunca fingiu. Nunca representou.

A literatura cinematográfica, a textualidade

teológico-pastoral, mas, sobretudo, o enorme texto da vida de Mulheres e Homens, e as desumanidades de existências e de penúrias, motivaram-no em ordem à coragem, à justiça, à luta pela mudança!

Para ele, e tantos, sadiamente, a injustiça é inaceitável! Compreendo bem a razão por que ele cita o Padre Gaspar, quando, na obra sobre ele escrita, refere a página 35, nota 17 *“nós somos uma geração encravada no meio de duas gerações perfeitamente iguais – o conservadorismo eclesial, a espiritualidade desincarnada e a sensibilidade à vida social”*.

Vem, bendito de meu Pai: ***“tudo o que fizeste aos mais pequeninos a Mim o fizeste”***. Prossegue feliz, Padre Arlindo, tu que semeaste a justiça, a liberdade e a paz.

3.E todos seremos bem-aventurados,

– se repudiarmos o fanatismo e a embriaguez do dinheiro e do poder;

– se deixarmos de jogar ao exibicionismo e às aparências, dando oportunidade à verdade humilde, a qual seduz pelo serviço;

– se as tuas lágrimas nascerem dos sofrimentos dos outros, és feliz, porque fizeste companhia à solidão;

– se o teu clamor se rebelar contra a exclusão

e o número tão de gente, que nunca chegou ao lugar a que tinha direito, matarás a fome a quem buscava o que era seu;

— se não fugires às responsabilidades e à tentação da indiferença, estarás ao lado dos libertadores dos pobres;

— se viveres a limpidez do que és nunca escravizarás coisas, pessoas e sentimentos doentios;

— se fores um cidadão justo, calarás, pela paz, qualquer conflito;

— a transparência das tuas convicções nunca poderá ser beliscada pela mentira e pela má vontade. Serás menosprezado, e, porventura, excluído. Mas uma consciência livre nunca será esmagada pela força.

Sede felizes, Irmãs e Irmãos!

Para toda a Família Queridíssima do Padre Arlindo a minha estima e comunhão de sempre.

Prosseguiremos, Comunidade na Justiça! Deus o quer, confiante eu de que nunca estragaremos o Seu Plano.

Vila Nova de Gaia e Serra do Pilar, 29 janeiro 2023

JANUÁRIO TORGAL FERREIRA. Bispo Emérito das Forças Armadas e das Forças de Segurança.

Soube há instantes que Arlindo de Magalhães partiu.

Soube há instantes que ARLINDO DE MAGALHÃES partiu. Quero escrever sobre ele e não consigo. Com profunda gratidão, partilho aqui a primeira parte de um texto escrito há uns dois anos. Talvez diga alguma coisa do muito que queria agora dizer.

1.

TAMBÉM OS LIVROS, como a fotografia, conseguem parar o tempo que passa. Ajudam-nos a medir a distância entre hoje e ontem e a perceber – assim sucede com este – que o ontem foi, afinal, há mais de 30 anos.

Este livro evoca-me justamente os finais dos anos 80 do século passado. Por esse tempo, ao cair da tarde de quinta ou sexta-feira, Arlindo de Magalhães chegava ao 7.º andar do n.º 766, da Rua de Sá da Bandeira. Eram ali os estúdios da Rádio Renascença no Porto. (Escrevo-o, e sinto a passagem dessa brisa de ternura a correr, como seiva, entre a vida e a morte. Não creio que seja dourado de memória, não o é de forma intencional).

Vejo-o a sair do elevador, a dizer, quase sem parar, “olá” à Júlia e a quem com ela por

ali estivesse na receção e, logo, para o José Guimarães, “vamos lá?” Sempre que podia, e sem que ele o percebesse, também eu ia atrás. Ficava a ouvi-lo e a estudá-lo do lado de fora do estúdio, enquanto o José Guimarães, ainda em fita, tratava do registo magnético.

De modo direto, conciso, claro, coloquial, demarcado da linguagem seráfica então dominante, seguro da gramática radiofónica, expunha, classificava, relacionava, organizava critérios, convidava, enfim, à leitura dos filmes que passavam pelas salas de cinema.

Tão simples me soavam aquelas crónicas. Chegavam a parecer-me improvisos. Mas, valha a verdade, sempre duvidei que o fossem, sendo possível que já então começasse a perceber que nada é mais difícil do que escrever simples.

Não consigo contornos mais nítidos. Dado o recado, apagada a luz de gravação, e antes que ele abrisse a porta do estúdio, eu ia à minha vida, alinhavando sabe-se lá que imaginações.

Anos antes, pelo decênio de 60, numa folha de papel, um aluno propunha ao professor, dois temas para trabalho acadêmico: a encíclica *Mater et Magistra*, acabada de sair e a “Sociologia do Cinema”. Sobre a primeira hipótese, o professor “traçou uma cruz e ao lado da segunda escreveu ‘óptimo’”. O professor era Raimundo Castro Meireles, o aluno Arlindo de Magalhães. Foi este último quem lembrou o episódio, querendo homenagear e significar gratidão ao homem “aberto e culto” que foi seu professor [Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha, “Raimundo de Castro Meireles”. *Humanística e Teologia*, 23 (2002), p. 161].

Evocando isso, agradeço a ambos. Quase afeito esse episódio, tanto mais interessante para mim, quanto me é evidente que um e outro, em contextos diferentes, me ajudaram a expandir em várias direções.

Nunca lho disse, mas lá

atrás, no tempo em que procuramos referências para ser homem, Arlindo Magalhães integrava o lote restrito daqueles para quem eu olhava.

Não tomem estas palavras como afeição exagerada, tão convencional neste tipo de prosa.

“PADRE GASPAR, A VIA DO TRABALHO E DA POBREZA”, tem dentro um homem e muitas perguntas. Li-o há mais de vinte anos. Regressei a ele agora, em dias de pandemia e confinamento social, com o receio de quem regressa a um livro que lhe deixou marca, temendo desencantos, aliás justificados, porque também os livros perdem músculo, envelhecem, chegando alguns a morrer e a perder-se numa opacidade indistinta.

Estava muito próximo da realidade dos seminários quando, no remoto ano de 1998, o li. Trazia ainda por dentro a pergunta o que é ser padre? e corria porventura entre duas formas de vida e de testemunho: homens que, julgando-se pequenos e frágeis, aspirando quase à invisibilidade, grandes apenas numa obstinada quanto natural vontade de servir, eram afinal, os que a meus olhos se agigantavam; e, mais além, à

distância, cada vez mais pequenos, os inconsequentes palradores de púlpito, inchados de narcisismo e aspirantes a estrelas.

Sei hoje, aprendi-o com o passar dos anos e da vida, que, de modo paradoxal, também com estes últimos Deus faz milagres.

“O fim para que os homens inventaram os livros – diz o Pe. António Vieira, na célebre passagem do sermão da Sexagésima – foi para conservar a memória das coisas passadas contra a tirania do tempo e contra o esquecimento dos homens, que ainda é maior tirania”. Foi essa a principal razão por que se escreveu e agora reedita este livro. O seu autor o declara: “A vida do Gaspar [...] não se pode perder” (p. 11).

Um homem só pode considerar-se livre quando a si próprio provar que o é. Certos momentos e circunstâncias da vida parecem exigí-lo. Há medidas disciplinares que podem fazer padres disciplinados, mas raramente formam homens emancipados, livres, com coluna, dispostos, se necessário, a pagar por isso.

Habitado a vencer distâncias, a fazer caminhos, a

subir montanhas, Arlindo de Magalhães deu provas de uma notável resistência à adversidade.

Narrando a vida e pensamento de um presbítero que por muito tempo não hesitou em ser choufer de camião e vendedor de produtos alimentares, este livro configura a história de uma amizade perigosa, para além do tempo, inquebrantavelmente leal.

Gaspar, o padre choufer, não seria “um duro”, mas teve a serenidade dos fortes, capaz de, por fidelidade à Palavra de Deus, a si mesmo, e aos pobres, porção da Igreja que lhe foi confiada, aguentar à margem. Sendo o lugar dos mal situados e dos proscritos, o lugar dos pobres, deve notar-se que é também ali, nessa periferia, que habitam quase sempre os construtores da Cidade – a Cidade de Deus, a Cidade dos homens.

Não há limites para o que uma pessoa pode fazer por outra, mais ainda por um amigo. Mas, convenhamos, é preciso coragem para acolher um proscrito. É fácil conceber que um ferverilhar de advertências e presságios chegasse aos ouvidos do homem que, desde novembro de 1974, aceitou ser pastor da Igreja da Serra

do Pilar. Indiferente aos coros de tragédia grega, Arlindo de Magalhães, à frente de uns quantos da sua Comunidade, não hesitou em dar a mão e abrir a casa ao Gaspar.

Homens assim reconhecem-se, entendem-se, libertam-se, dando as mãos. A vida parece juntá-los, destinando-lhes, sem que o saibam, uma aventura singular, irredutível a cânones e a espartilhos. Também eles me parecem impelidos. Olhando-os, pergunto-me se delinearam o seu modo de vida ou se o aceitaram por força de uma força que não explicam.

A história está cheia de quezílias, silêncios, opacidades, narrativas mal contadas, involuntária e deliberadamente enviesadas, por falta de testemunhos, caprichos do poder e quejandos.

Para se ir ao lado oculto das coisas são precisos livros com autoridade e corajosos. “PADRE GASPAS, A VIA DO TRABALHO E DA POBREZA”, consegue o prodígio de reunir essas duas singulares virtudes. Há nele matéria bastante para uma certa revisão da história.

*

Arlindo de Magalhães não é homem de preâmbulos. Li-

gou-me há tempos dizendo-me que ia reeditar o livro “Padre Gaspar, a via do trabalho e da pobreza” e que gostaria de usar como Prefácio a apresentação que eu dele fizera em 1998. Embaraçado, disse-lhe que já não tinha o texto que então lera. “Mas tenho-o eu, e mando-to! Peço-te apenas que o expurgues de exageros”.

O que atrás deixo escrito, não é, portanto, satisfação de uma encomenda, no sentido de iluminar a prosa ou quem a escreveu. De resto, é claro para mim que nem o livro nem o seu autor carecem de qualquer vela ou incenso.

Recebido o texto de 1998, ou o ignorava ou o refazia em profundidade. Optei por assumi-lo, limitando-me quase, aqui e ali, a passar-lhe a lima. Se não me revejo na forma, a substância traduz o que sinto, além de que me sinto razoavelmente justificado pela idade e pela circunstância de o ter escrito apenas para que o escutasse quem, na tarde de 14 de novembro, connosco esteve nos claustros da Serra do Pilar. Foi, pois, como segue.

Porto, 27 abril 2020.

Henrique Manuel Pereira

(na sua página Facebook, de 18.01.23.